

Blog de Papel

HENRIQUE MORGANTINI
henriquemorgantini@gmail.com



“A preocupação é uma doença em que cada paciente deve se tratar sozinho”
Voltaire

As coisas não têm paz

A frase-título é uma referência clara e direta à canção de Caetano Veloso “As Coisas”. Coloquei esta frase por algumas horas no meu MSN (só para registro de quem não conhece, o MSN é um

artefato eletrônico que permite conversar com outras pessoas, via internet). Foram inúmeras as pessoas que vieram me perguntar quais as coisas que não têm paz. Outras insistiam em, num passo a frente, dizer que realmente as coisas não têm paz. Outras disseram que é mentira e, sim, as coisas podem ter paz. Quase todas as pessoas sem manifestaram sobre a afirmação. A frase é solta e quase débil se assim seguir, solta e sem explicação. Filosoficamente, abre-se espaço para achar-se qualquer coisa. Até mesmo, não achar nada da frase. Mas não foi o que aconteceu.

Mas o que eu percebi diante de tanto pânico ou mesmo da curiosidade das pessoas, ocupadas ou não com trabalhos e demais compromissos, é que todas se sentiram atraídas, magnetizadas por uma frase até meio tola. Todas precisaram parar de fazer o que estavam dispostas a realizar para

se perguntar: o que é isso? A identificação das pessoas com a mensagem merece a reflexão perfeita, merece o pensamento mais elaborado.

Estes dias, numa conversa com uma grata amiga, houve o debate em torno da felicidade das pessoas. A felicidade dos dias de hoje e as mais comuns, não a felicidade como um conceito absoluto. Dificilmente, ao analisar a história de uma vida chegará à conclusão de que foi uma existência triste, infeliz. Quase sempre o tempo e a diluição dos acontecimentos em horas, dias e anos torna a vida e seus revezes mais brandos. O gosto fica menos amargo se misturar-se tudo à água dos tempos. Mas na conversa o que ocorria era justamente o conceito de felicidade. O ser feliz ou o estar feliz.

O mundo, como o temos hoje, não nos permite um conceito absoluto de felicidade. É possível fazer conjecturas e imaginar se em outros tempos, passados, bíblicos, ou de qualquer outra era, seria possível ser mais tranquilo e ter mais fé na possibilidade de ser feliz, como se fosse um avião em que a altitude de vôo fosse sempre a mais alta. Alto padrão. Sempre.

O mundo nos permite, hoje, felicidades ejaculadas, arremessadas de forma ocasional e peremptória, de forma às vezes cíclica. Quem se sente feliz o tempo todo, definitivamente mente ou vive à exclusão do mundo real, fora da competitividade, fora das disputas com o outro e principalmente, vive ausente da cobrança de si mesmo. Se é impossível ser feliz sozinho, como receita “Wave”, é igualmente ser feliz o tempo todo, consigo mesmo.

Claro que minha interlocutora não concordou. Para ela, felicidade é item que quase se pode comprar no supermercado, perto de outros produtos. Altamente voláteis e perecíveis, acrescentaria eu.

O que ela não sabe e diversas outras pessoas que insistem em viver conceitos absolutos de felicidades, e demais conceitos absolutos,

também não imaginam é que a minha pesquisa empírica e sem qualquer traço de racionalidade (eu apenas coloquei uma frase num programa de computador) teve como resultado um incômodo muito grande nas pessoas. E este incômodo é fruto de uma identificação.

Será que realmente as coisas não têm paz? A vida tem paz? Você vive em paz? O tempo todo? É sereno, perfeito com suas ações, sua vida corre sempre na linha colorida das boas realizações?

A cobrança do mundo externo só perde para uma cobrança: a do lado de dentro do ser. É na sua forma de se resolver e se entender, sozinho, que tudo pode desmoronar. Porque a felicidade é um conceito que vem de dentro para fora. Não adianta ninguém dizer a você que você é feliz, ou que tem tudo para sê-lo se, efetivamente, você não se sentir satisfeito com o que tem. Por ser este sentimento imaterial e amorfo, os moldes nem sempre se encaixam na vida de tudo mundo.

A minha vida infeliz pode ser a vida perfeita do outro. E assim por diante. Hoje, quem parar para pensar na própria vida e se cobrar metas, quase sempre vai cair no raciocínio de que falta muito ainda. E este “faltar” é um espaço que quanto mais se enche, mais espaço sobra.

A relação do desejo e da conquista, presente em todos humanos (e talvez em grande parte dos animais do planeta) é a responsável pela incessante busca que se mistura com a busca pela felicidade. A relação do desejo com a vontade de manter este desejo é o que reaplica distância para se atingir a paz. A paz que a vida feliz tem como premissa.

O que se tem não é o que se tem. Mas é o que ainda falta para se ter mais. Em tudo, todos os segmentos. O que temos só nos mostra o quanto é pouco para o tanto que ainda achamos que precisamos ter.

E a vida viva um vício em nome da busca pela felicidade.

E daí, portanto, as coisas não terem paz. Porque as coisas, elas não têm paz.



Rubens Otoni desdenha da “união” por Anápolis

Esta semana, um encontro entre o prefeito Pedro Sahium e o secretário de Indústria e Comércio, Ridoval Darci Chiareloto, pareceu mudar os rumos da política em Goiás. Falou-se numa grande “frente”, algo majestoso e grandioso demais, capaz de alterar todo o cenário político e administrativo da

cidade. Para tanto só faltaria mesmo a presença de um representante parlamentar em esfera federal. E, neste caso, trata-se única e exclusivamente de Rubens Otoni.

Entrevistado por alguns veículos de comunicação, o petista tratou de dar um chega-pra-lá nesta idéia, um tanto

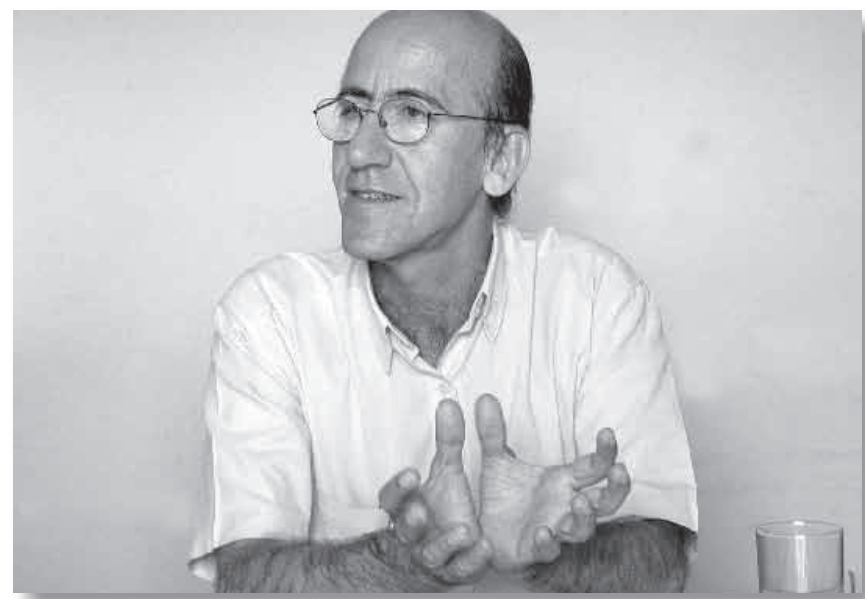
quanto oportunista de lado a lado em querer criar um fato político com esta iniciativa de união. A proposta era e ainda é realizar uma frente de trabalho suprapartidária em defesa de Anápolis. Ora, criar um grupo de trabalhos em defesa da cidade não deveria ser uma busca de Sahium desde o início de seu governo? Agora, de repente, depois de tantas brigas, sopapos morais e troca de ofensas todos resolvem cair na real e começar a “trabalhar” pela cidade? Um golpe da ironia, no mínimo.

A oferta da criação deste grupo é quase uma ofensa para quem vive em Anápolis, tendo em vista que tem um cheiro forte de oportunismo barato, em que cada parte sabe muito bem o que quer e, para isto, usa a situação caótica do município para promover uma escada para seus objetivos. Otoni saiu-se bem quando, interpelado, tratou de dizer que não precisa se sentar e se reunir com adversários políticos para fazer cada vez mais para a cidade. E desandou a citar obras e realizações que têm a participação direta ou indireta dele.

Rubens Otoni mantém um padrão de coerência política ao saber que o momento está repleto de grandes interesses de recuperação e afirmação política e pouco ligado em vontades de melhorar pela cidade. Ao não se aproximar, ele dá o tom de que não está interessado em montar um discurso teórico e nem tem vontade de aparecer “bem na foto” dos pré-candidatos de 2008. Quer seguir trabalhando. E numa cidade semi-destruída pela inoperância administrativa, esta parece ser a melhor atitude.

DAS INTENÇÕES

Para Pedro Sahium, o mote não



O DEPUTADO FEDERAL Rubens Otoni: distância de adversários e reafirmação em sua conduta política e ideológica

poderia ser melhor: reunir inimigos e pessoas que ele tratou de tentar desconstruir na mídia para criar uma ação e agenda positivas. Quer mostrar ao povo que agora ele resolveu trabalhar em conjunto. Pena que tardiamente. Será que foram precisos três anos de desmandos para que ele, prefeito, pudesse vencer restrições de outras naturezas e procurar quem quisesse ajudá-lo?

A iniciativa de Pedro Sahium exalta mofo, bolor, cheiro de coisa vencida, e uma tentativa de maquiagem a sua própria imagem.

Com Ridoval Chiareloto, a iniciativa de aproximação nada tem a ver com a cidade, mas sim com a construção de sua imagem política. Ao contrário de Sahium, Chiareloto pode ostentar à população uma extensa lista de metas cumpridas, de bons projetos e boas execuções no município. Como secre-

tário, Chiareloto tem feito mais do que muitos políticos já fizeram pelo município. No entanto, o momento não é de usar a cidade para criar frentes de trabalho que têm por objetivo garantir mídia e uma boa imagem.

A cidade agoniza enquanto as suas penas são mostradas lindas e lustrosas. A opinião do grupo de Ridoval e do seu próprio político sobre Pedro Sahium é a de que o prefeito encontra-se em uma situação irreversível. Portanto, a intenção de se unir ao prefeito é infrutífera do ponto de vista prático. Só serve mesmo para colher frutos pessoais e políticos. Coisa que pode ser válida e até legítima por tudo que o titular da SIC tem feito, mas que de forma alguma pode usar a desgraça de uma cidade como palco.

Certo está Rubens Otoni que prefere ficar onde está, do jeito que está e fazendo as coisas de sempre.

Ernani, agora, quer o perdão

Os desmandos da Câmara Municipal em entender que seu melhor papel é atuar como o anexo I da Prefeitura Municipal de Anápolis produzem algumas distorções que, a certa altura, até parecem válidas e coerentes. Ao ver o que todos os anapolinos e goianos têm visto acontecer no cenário político e administrativo da prefeitura, Ernani de Paula começa a articular o que chama de movimento “Anistia Já”. Ele quer o perdão da Câmara Municipal, que o cassou “por muito menos do que já foi comprovado pela Justiça”.

O pedido dele pode der o mais esdrúxulo de todos os tempos. Mas que faz sentido, isso faz.

O raciocínio lógico aponta para este caminho. Curiosamente, Ernani de Paula está livre e foi absolvido na Justiça de todas as acusações que contra ele foram imputadas. Isso não o livrou dos vereadores, que com ele fizeram a “justiça política”, arrancando-o da prefeitura. Outro caso, outra atitude. A Justiça mostrou o que fez Pedro Sahium, o condenou e o cassou. Entretanto, a Câmara Municipal e seus atuais vereadores agem com uma venda nos olhos para não ter que enxergar o que a Justiça, cega, já viu.

Das duas, uma: a Câmara pode dar anistia e conferir seu perdão a Ernani, ou, quem sabe, os 10 vereadores da base aliada promoverem uma vigília no Tribunal de Justiça, para que os desembargadores mudem de idéia sobre Pedro Sahium.

Em Anápolis, como está a política hoje, falta pouco para o rabo balançar o cachorro.